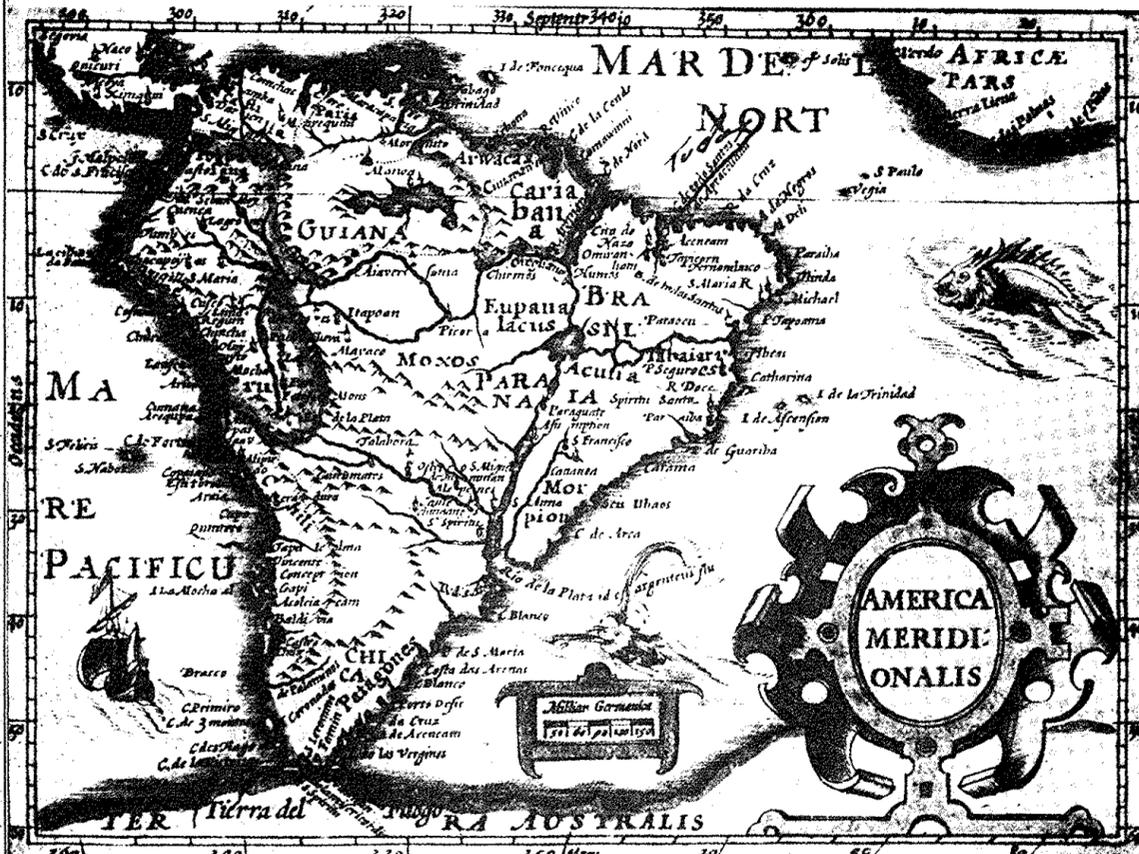


# DESCOBRINDO O BRASIL



À esquerda, o mapa da América Meridionalis, do Atlas Minor, de G. Mercator, publicado na Holanda em 1607, traz a Lagoa Dourada (Eupania lacus) como um dos destaques geográficos. Abaixo, uma versão de 1641, já sem a Lagoa: registro de uma das principais descobertas dos Bandeirantes.



No dia 5 de dezembro de 1593 — há exatos quatrocentos anos — a Câmara da República da Vila de São Paulo viveu um momento agitado: recebia os remanescentes da Bandeira de Domingos Luís Grou — Antônio de Macedo, que regressavam depois de quatro anos perdidos no até então vasto e desconhecido sertão do Interior do Brasil. Essa Bandeira iniciara o 2º Descobrimento do País.

Por Manoel Rodrigues Ferreira

Longo após os Descobrimentos, na hoje América do Sul, portugueses e espanhóis ouviam dos indígenas, no litoral, a notícia segundo a qual existia no Interior do Continente uma grande Lagoa muito rica em ouro, prata e pedras preciosas, particularmente esmeraldas. Junto à Lagoa havia uma cidade também muito rica, e nela, Lagoa, nasciam os principais rios que desaguvavam no mar.

Essa única Lagoa recebia diferentes nomes segundo as diferentes tribos onde estas se localizavam: Lagoa Parime na hoje Venezuela; Lagoa Manoa e Lagoa Guatavita (Lagoa do El Dorado) na hoje Colômbia; Lagoa Paititi no hoje Peru; outra Lagoa no hoje Chile; Lagoa Xaraies no hoje Paraguai. No Brasil essa Lagoa recebia os seguintes nomes: Lagoa Paraupava (em São Paulo); Lagoa Vupabuçu (variante em língua Tupi, de Paraupava); Lagoa Dourada e Lagoa Grande nas Capitânicas do Nordeste.

Nos mapas europeus da América do Sul era também designada por Lacus Eupania (uma tradução latina e corrupta, de Paraupava). Os cartógrafos europeus inicialmente desenhavam nos mapas da hoje América do Sul uma grande Lagoa e nela nascendo somente os dois grandes rios: Rio Paraguai (Rio da Prata) e Rio Paraupava (hoje Rio Araguaia), este até à sua foz na embocadura do Rio Amazonas.

A partir de 1522 portugueses (com a Bandeira de Aleixo Garcia) e espanhóis tentaram chegar à célebre Lagoa subindo o Rio da Prata e Paraguai, mas sem conseguir chegar à sua nascente. Martim Afonso de Sousa deixou Lisboa em Dezembro de 1530, com cerca de 400 homens, com esse objetivo. Depois de tentativas malogradas de chegar ao Rio Paraguai através do Rio da Prata e por terra com a Bandeira de Pero Lobo que partiu de Cananéia e foi dizimada inteiramente pelos índios Carijós (do grupo linguístico Tupi-Guarani), Martim Afonso chegou à conclusão de que somente com sertanistas experimentados, formados num núcleo para tanto criado, poderia chegar à célebre Lagoa. Por isso resolveu fundar no planalto a Vila de Piratininga (hoje a cidade de São Paulo), no ano de 1532 (provavelmente no dia 10 de outubro).

Deve Martim Afonso de Sousa ter chegado à conclusão de que o Rio Anhembi (hoje Rio Tietê) corria para o Interior, exatamente em rumo Noroeste, onde se achava a Lagoa nos mapas. Seria pois a Vila de Piratininga uma Escola de Sertanistas, à maneira da Escola de Sacres para formar navegadores. A partir de 1559, também nos mapas europeus passou o Rio São Francisco a nascer na célebre Lagoa. É de

se salientar que ela era dada como existente por todos, tanto na Europa como na América do Sul, inclusive reis, cartógrafos, geógrafos, cientistas, escritores, religiosos, aventureiros, etc.

Não houve, no século XV (1500-1600) e até meados do seguinte, quem pusesse em dúvida a célebre Lagoa. Durante o século XV foram elaborados na Europa, cerca de cem mapas da hoje América do Sul com a Lagoa. A sua existência era pois uma certeza absoluta, e dentre os que a procuraram estava, no fim do século XV, o inglês Sir Walter Raleigh, na Venezuela.

Até 1586 os bandeirantes de São Paulo, na procura de um caminho para alcançar o Rio Paraguai, devassaram, exploraram meticulosamente uma grande área no redor da Vila, estendendo-a para o Sul. A partir desse ano o grande sertanista Domingos Luís Grou (casado com uma índia) procura novo caminho para chegar à célebre Lagoa Paraupava: ganhando e subindo o Rio São Francisco à procura da sua nascente, que era a mesma Lagoa. Fica com a sua Bandeira um ano e três meses no sertão do Rio São Francisco.

No início de 1590, Domingos Luís Grou une-se ao sertanista Antônio de Macedo (filho de João Ramalho e uma índia) e formam uma nova Bandeira com 50 homens. Descem o Rio Anhembi (hoje Rio Tietê) sobem o Rio Grande (hoje Rio Paraná), ganham o Rio São Francisco, infletem para o Oeste e começam a grande penetração do vasto e desconhecido sertão do Interior do Brasil à procura da Lagoa Paraupava.

## A DESCOBERTA DE OURO COMEÇOU A ATRAIR GENTE PARA O SERTÃO

Esquadrinham todo esse território e ao hoje Rio Araguaia dão o nome de Rio Paraupava, por se crer que nascia na Lagoa Paraupava, e nele acham a grande área arqueológica dos desenhos esculpidos nas rochas (gravuras rupestres ou as itacoatiaras dos índios), à qual dão o nome de Martírios. Dos Martírios penetram no sertão à esquerda do Rio Paraupava, encontrando ouro na região da hoje Serra Pelada, mas impossível de ser explorado devido à resistência dos índios Belcreiros (hoje índios Caiapós).

A Bandeira de Grou-Macedo fica quatro anos no Sertão do Paraupava, sendo dada por perdida na Vila de São Paulo, onde reaparece no dia 5 de Dezembro de 1593, mas com a falta de muitos sertanistas, mortos no sertão, inclusive os seus dois chefes, além do francês Guilherme Navarro.

Após a Bandeira de Grou-Macedo teve início, na Vila de São Paulo, um intenso movimento de Bandeiras em direção ao Sertão do Paraupava, o que é natural, considerando as notícias que foram trazidas quanto à existência de ouro à esquerda dos Martírios, na hoje região de Serra Pelada, dominada pelos ferozes e guerreiros Belcreiros (hoje Caiapós). Houve até tentativa de famílias da Vila de São Paulo mudarem-se para lá, o que não se efetivou devido à belcosidade desses índios. Mas, após a Bandeira de Grou-Macedo (1590-1593), e até 1618, portanto durante 24 anos, dez Bandeiras se dirigiram ao Sertão do Paraupava, explorando-o intensamente, chegando à conclusão de que a célebre Lagoa Paraupava não existia, era um mito indígena, e que os rios Paraguai, São Francisco e Paraupava (hoje Araguaia) não nasciam em lagoa alguma, tendo os três suas nascentes independentes entre si.

Foram esses Bandeirantes do Ciclo Pa-

raupava (1590-1618) os nossos primeiros e grandes geógrafos, fornecendo aos cartógrafos em Portugal os elementos para os primeiros mapas científicos do Interior do Brasil. Deixaram também inúmeros roteiros escritos que inflamariam a imaginação dos futuros bandeirantes que 56 anos após começariam a descobrir ouro: em Minas Gerais (Fernão Dias Pais em 1674), em Mato Grosso (Pascoal Moreira Cabral em 1718) e Goiás (Bartolomeu Dueno da Silva Jr., o Anhangiera II em 1722). Mas o mito da Lagoa ainda permanece vivo nos países da América do Sul onde primeiro surgiu, inclusive no Brasil, como por exemplo em Minas Gerais (Lagoa Vupabuçu ou Dourada, entre Teófilo Otoni e Governador Valadares), no Paraná (Lagoa Dourada em Vila Velha) e São Paulo (Lagoa Dourada em Iguape e Ilha do Cardoso).

Como o mito não morre nunca, hoje ainda exploradores e aventureiros procuram essa Lagoa naqueles países citados e no nosso, como também a rica cidade que existia junto dela, a denominada "Cidade Perdida", no interior da Bahia e no Amazonas.

As armas desses bandeirantes do "Ciclo Paraupava" (1590-1618), como de resto de todo o Brasil e na Europa, eram a espingarda-de-mecha e um arco mecânico chamado besta (ou balestra). A besta disparava uma flecha de ponta metálica com cerca de 12 centímetros de comprimento, de alto poder de penetração e que podia alcançar até 400 metros de distância. A espingarda-de-mecha era de carregar pela boca e o disparo da carga era provocado pela queima de uma porção de pólvora colocada na parte exterior do cano e que, incendiada, penetrava na sua base fazendo explodir a pólvora internamente, provocando a explosão. Entre um tiro e outro gastava-se até quatro minutos. Essa arma não podia ser usada sob o vento, a chuva e à noite. Para pôr fogo na pólvora era preciso primeiro acender um isqueiro com pedra sílex, o que era demorado. Por isso, usava-se um cordão cuja extremidade estava permanentemente em brasa (mecha) e a qual, depois da espingarda carregada, era encostada à pólvora do "ouvido" que se incendiava e transmitia o fogo à pólvora na base da carga, fazendo-a explodir e provocando o tiro. Vê-se claramente que a espingarda-de-mecha era uma arma de fogo ineficiente, imprópria para ser usada nos sertões, principalmente quando uma Bandeira era atacada de surpresa pelos índios. Se disparada, o seu valor era provocar pânico entre os índios, pelo estrondo que fazia e pela fumaça que provocava. Mas, enquanto era carregada, nos quatro minutos seguintes, um único índio desfechava vinte flechas.

Vê-se pois que arma-de-fogo era algo inexistente nas Bandeiras. Restava a besta, um arco mecânico que exigia muita força muscular para ser armado, tanto que havia diversos dispositivos para puxar a corda e fixá-la deixando o arco retesado. Com qualquer das duas armas, besta ou espingarda-de-mecha, as Bandeiras teriam que carregar quantidades extremamente grandes de munição. O que era impossível para Bandeiras que ficavam quatro e até mais anos no sertão. A solução seria entrar em contato amistoso com os índios, tornando-os amigos e até membros das Bandeiras.

Na primeira metade deste nosso século o conhecimento que se tinha dos indígenas era muito rudimentar, muito primário: um indivíduo feroz, um bugre, um selvagem que sem destino vivia errante pelos matos. É do velho bandeirante paulista tinha-se a imagem de um homem valoroso, dominador e que nas lutas com os índios venciamos com denodo, com bravura.

Por isso, à vista dos quase dois séculos que se seguiram ao Descobrimento (1500), em que não se descobriu ouro em quanti-

dade comercial, considerou-se que nesse tempo os sertanistas e bandeirantes de São Paulo dirigiam-se aos sertões com o único objetivo de prear, de caçar índios, levando-os para a Vila a fim de explorar-lhes o trabalho escravo. Surgiu assim, a concepção dessa primeira fase das Bandeiras de S. Paulo como sendo a do "ciclo da caça ao índio". Essa lenda, que inicialmente reduzia o fenômeno das Bandeiras paulistas a um ato de heroísmo, seria hoje levada às últimas consequências, ao reduzi-las à mais vil das ações humanas: "as Bandeiras paulistas eram grupos de extermínio dos índios". E assim, de uma infeliz e ingênua exaltação das Bandeiras, passou-se à sua degradação, ao seu aviltamento.

lances dramáticos e trágicos que caracterizam o encontro de dois povos diferentes, como os que estão acontecendo hoje em todo o mundo.

Não nos enganemos com o vocábulo "escravo" que aparece nos documentos do primeiro século da vida de São Paulo. "Escravo" significava agregado, dependente, não nos esquecendo de que os portugueses não tinham nenhuma experiência do que fosse escravidão, instituição que desconheciam e que só teria um sentido novo muito séculos após a introdução do elemento africano. Aliás, os índios sempre foram — como ainda são hoje — infensos a qualquer tipo de sujeição que atente contra a sua dignidade.

Diferentemente agiram os ingleses na América do Norte, que por sua atitude racista foram obrigados a permanecer segregados dos índios, assim arranhando o litoral como caranguejos e só começando a sua "Marcha para o Oeste" pela "Trilha do Oregon" há 150 anos — a partir de 1843 — depois da invenção do cartucho, das armas automáticas e da estrada de ferro. Isto é, exatamente trezentos anos após o início do mesmo movimento pelos portugueses com a fundação da Vila de Piratininga, hoje a Cidade de São Paulo.

Nem podiam os bandeirantes de São Paulo trazer índios "escravos" para São Paulo, pois se eram escravos não podiam ficar livres no caminho dos sertões para a Vila, para procurar seus próprios alimentos. Assim, os bandeirantes precisando obter alimentos para si mesmos, teriam que obtê-los para os seus índios "escravos" que ficariam presos à sombra das árvores. O que é um absurdo.

Hoje, certos setores da vida brasileira chamam as Bandeiras de "grupos de extermínio dos índios", desconhecendo por ignorância ou má fé que essas Bandeiras, constando de cerca de cinquenta sertanistas praticamente sem armas e munição, embrenhavam-se nos sertões onde permaneciam muitos anos, atravessando territórios dominados por milhões e milhões de índios, para finalmente regressar a São Paulo. Dessa maneira o grande inimigo dos bandeirantes no sertão não eram os índios, mas sim, a falta de alimentação, as doenças, os animais peçonhentos, as intempéries e outros tantos fatores adversos. É difícil compreender aquela sociedade da Vila de São Paulo de Piratininga, onde a gente portuguesa vivia em harmonia com os indígenas, formando famílias de memelucos. Não compreendemos porque hoje vivemos distanciado dos índios, não admitimos qualquer familiaridade com eles. A Vila de São Paulo necessitava de gente para sobreviver, para crescer, por isso atraía os índios para nela viverem. A ata da Câmara da República da Vila de São Paulo de Piratininga, de 30 de Abril de 1563 fala da "necessidade que temos dos índios e sermos poucos nesta vila". Mais de 300 anos após, no final do século passado, a agora Cidade de São Paulo, para se desenvolver mais, para crescer mais, começou a atrair as imigrações europeia e asiática. Dois momentos idênticos na História de São Paulo separados por um espaço de três séculos.

## ERAM OS ÍNDIOS OS DONOS DOS SEGREDOS DO DESCONHECIDO SERTÃO INTERIOR

Ora, a história não é isso, não são conceitos que se aplicam ao passado. A história não é um tribunal de justiça para se julgar o passado. A função da História é simplesmente compreender e explicar o passado humano. Há quase cinquenta anos venho me debruçando na documentação desse passado e finalmente descobri a causa do Bandeirismo paulista: descobrir o ouro, as riquezas que se achavam em abundância na célebre Lagoa Paraupava. Esse o desconhecido, a miragem, o mito que excitava, que irresistivelmente impulsionava a gente da Vila Piratininga em direção ao grande sertão interior. E somente os índios é que podiam ensinar aos sertanistas, aos bandeirantes, o caminho que levava à célebre Lagoa, pois foram eles os criadores desse mito, os donos dos segredos do vasto e desconhecido sertão interior.

Se os bandeirantes precisavam dessas informações que só os índios podiam lhe dar, seria um absurdo que fossem tratá-los como inimigos. A História de São Paulo desde a fundação da Vila de Piratininga por Martim Afonso de Souza em 1532, é a história do encontro de duas civilizações, de duas culturas diferentes que se defrontam no Novo Mundo: a europeia e a americana. Ou mais propriamente: a portuguesa e a brasilíndia. Sabiam esses portugueses que só poderiam conhecer, devassar, explorar o Interior da América Portuguesa, com o concurso dos seus naturais, do gentio. Afrontar os indígenas, enfrentá-los como inimigos seria considerar a causa perdida logo no seu início.

Essa a razão porque a gente da Vila de Piratininga procurava dominar a língua dos indígenas, conhecer-lhes os hábitos, os usos, os costumes, a sua psicologia. Em virtude da sua formação de povo, do seu gênio universalista, a gente portuguesa tratava os índios como seres humanos, conquistando-os pela amizade e, pela persuasão, pelo convencimento, traziam-nos para São Paulo, casando-se com as suas mulheres, tornando-os seus amigos, parentes e compadres, conforme consta na documentação que nos deixaram. Evidentemente, no decurso dessas relações havia também